

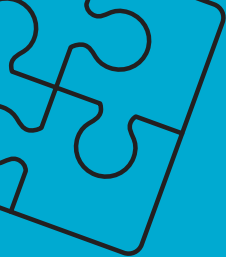


NATH FINANÇAS

ORÇAMENTO SEM FALHAS

*Saia do vermelho e aprenda a poupar
com pouco dinheiro*







NATH FINANÇAS

ORÇAMENTO SEM FALHAS

*Saia do vermelho
e aprenda a poupar com
pouco dinheiro*



Copyright © 2021 by Nathália Rodrigues

Revisão

Marcela Ramos

Thais Entriel

Design de miolo e de capa

Anderson Junqueira

Ilustrações

Ric Sales | @ric_sales

Fotos da autora

Leo Aversa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
R6140

Rodrigues, Nathália

Orçamento sem falhas : saia do vermelho e aprenda a poupar
com pouco dinheiro / Nath Finanças ; ilustração Ric Sales. - 1. ed. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

128 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5560-156-5

1. Finanças pessoais. 2. Educação financeira. 3. Segurança
financeira. I. Sales,
Ric. II. Título.

20-67475

CDD: 332.024

CDU: 330.567.2

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472
06/11/2020

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1. DINHEIRO E TRABALHO

TEMPO É DINHEIRO?

Eu costumava acordar às cinco da manhã para pegar o trem em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, até o centro do Rio, onde eu trabalhava. Duas horas e meia de ida, duas horas e meia de volta. Cinco horas no transporte para chegar e voltar da empresa, onde eu cumpria as seis horas da jornada diária. Meu salário era condizente com as seis horas, não com as onze totais. No entanto, fico pensando: se eu gastava tempo a caminho do trabalho, esse tempo não era meu. Eu tinha dado esse tempo ao meu patrão, assim como dava as seis horas do expediente. Então, de certa forma, essas cinco horas no trem eram tempo de trabalho não remunerado.

No fim das contas, eu estava abrindo mão dessas cinco horas do meu dia? De certa forma, sim. Não é fácil conseguir um trabalho com um salário condizente com todas as horas que dedicamos a ele, seja no próprio escritório, ou no deslocamento. Por isso, eu aceitava empregos em locais consideravelmente distantes da minha casa. Moro na peri-

feria, mas é no centro das metrópoles que estão as grandes e médias empresas. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2019 revelou que em todo o país é comum haver poucas oportunidades de trabalho nas periferias das cidades brasileiras. Ou seja, tem gente que não tem muita escolha quando precisa de dinheiro para sair de uma determinada realidade.

E sabe o que eu percebo? Que quem mora na periferia, como eu, tem que abrir mão de muita coisa para conseguir uma situação financeira confortável. Se fôssemos exigir uma remuneração justa, aí mesmo é que não conseguiríamos emprego nenhum. Sobretudo num contexto em que muitos empresários não querem nem mesmo pagar a passagem de quem mora longe. Você já ficou com medo de contar onde mora e perder a oportunidade de trabalho? Ou de dizer quantas conduções precisa pegar para chegar lá? Ou quanto tempo leva da sua casa até a empresa? Eu também.

Hoje em dia, quando penso em trabalho e em dinheiro, não consigo deixar de pensar também no tempo. Eu não costumava ter esse ponto de vista. Cresci entendendo o trabalho e o dinheiro de uma forma confusa, conflituosa, sem ver o que existe por trás das cortinas. Mas os estudos me fizeram encarar as coisas de outro jeito, e ter uma nova visão sobre o mundo afeta a nossa relação com ele. Principalmente, quando se trata do mundo financeiro.

Se você trabalha na sede de uma empresa, já pensou no tempo total que gasta com o trabalho, tanto no escritório quanto indo e voltando? Já comparou a remuneração de diversos cargos e o que influencia essa diferença? No valor que seu trabalho acaba gerando para a empresa em questão? Se você é autônomo, já considerou as horas que dedica para receber um valor específico? Já colocou na conta do preço final do seu produto o tempo de trabalho, seu

esforço e o talento que só você tem? Se tem uma dívida, você conta quanto tempo vai levar e tudo de que vai precisar abrir mão para quitá-la?

Não é novidade pensar que garantimos nossa sobrevivência dedicando um tempo de nossa vida e usando nossa força e nosso talento a alguma atividade em troca de dinheiro. Economistas, cientistas sociais, historiadores e demais intelectuais se dedicam a esse tema há séculos, e você pode conhecer alguns desses trabalhos nas referências ao final do livro. Escolhi começar nossa jornada por essa reflexão porque a essência de tudo que vou abordar é dinheiro. E, para falar de dinheiro, precisamos falar de trabalho.

A HISTÓRIA DO DINHEIRO

O trabalho é tão antigo quanto a vida humana. Caça, colheita, pesca e até a fabricação dos instrumentos para essas atividades que garantiram nossa sobrevivência na Pré-História são trabalho. Conforme os clãs aumentavam e os seres humanos foram trocando a vida nômade de caça e coleta por moradias mais ou menos fixas, com o desenvolvimento da agricultura, a relação com o trabalho também foi mudando. As ferramentas para esses trabalhos também foram ficando cada vez mais complexas e elaboradas, e, aos poucos, novas atividades foram surgindo.

E em algum momento apareceu o dinheiro.

Não sabemos exatamente qual é a origem dele. Não existem documentos específicos ou dados concretos que registrem o momento. Mesmo assim, os historiadores levantam algumas hipóteses. A suposição mais convencional é de que ele surgiu para favorecer as relações de troca. Antes de o comércio se estabelecer como a principal fon-

te de recursos, as pessoas produziam seus próprios bens. Se alguém quisesse outras coisas além das que tinha em suas terras ou das que sabia fabricar, as trocas, na maioria das vezes, eram a solução. Um sapato por duas garrafas de bebida, um tanto de farinha por um tanto de mel, e por aí vai.

Provavelmente em determinado momento surgiu um impasse. Um sujeito que criava bois precisava de um pouco de azeite. Um boi é um animal que demora a crescer, que precisa de alimentos para se desenvolver. Um boi inteiro vale mais do que um pouco de azeite de oliva. Mas não faz sentido cortar um pedaço do boi vivo para realizar essa troca. Acredita-se, então, que o “dinheiro” tenha surgido a partir desses problemas, como um suporte físico para medir valores, justamente porque ele facilita essas equivalências.

Além disso, vamos supor que um produtor de ovos quisesse trocar seu excedente por roupas para ele e para a família. Ele tinha a difícil missão de encontrar um alfaiate que estivesse precisando de ovos a tempo de esses alimentos não apodrecerem. No entanto, quando esse “dinheiro” entra em jogo, o sujeito dos ovos deixa de depender de alguém que ofereça exatamente as roupas que ele quer. Ele pode negociar com qualquer um que tenha “dinheiro” também. O dinheiro nessa época eram pequenos objetos não perecíveis (metais, conchas, cereais, sal etc.) que representavam o valor das coisas. Nesse exemplo, o mesmo valor daqueles ovos.

O Estado teve um papel muito importante na consolidação do dinheiro. Num tempo ainda mais antigo que o desenvolvimento do comércio como a gente conhece, antes ainda de Cristo, os governantes já cobravam tributos e recolhiam impostos da população. Alguns documentos históricos registram o pagamento de multas por meio de objetos de metal. No decorrer da história da humanidade,

o Estado foi se desenvolvendo como quem tinha poder de emitir as moedas e de atribuir valor a elas.

À medida que essa troca de produtos por “dinheiro” foi ficando mais comum, as pessoas começaram a criar galinhas, plantar trigo, batatas, produzir roupas e outras coisas já pensando nessa transação específica. Em vez de produzir para consumo próprio — e caso sobrasse uma dúzia de ovos, um saco de farinha — e efetuar uma troca por alguma outra coisa, o objetivo da produção passou a ser o excedente. Os produtores começaram a criar centenas de galinhas que iam gerar milhares de ovos e que depois seriam trocados por dinheiro. Ou seja, vendidos.

Com o fim da Idade Média, por volta de 1450, esse sistema estava praticamente estabelecido em toda a Europa. Quase não existiam mais trocas e a produção de excedente era o objetivo. O nome desse sistema é capitalismo, e é segundo as regras dele que vivemos até hoje.

Só que a pessoa que antes produzia uma dúzia de ovos para o consumo dela e da família e passou a produzir centenas ou milhares para vender já não conseguia mais trabalhar sozinha. Precisava que outras pessoas trabalhassem para ela. E como pagar esses trabalhadores? Com dinheiro.

Ou seja, o trabalho passou a ser ele próprio uma mercadoria, uma vez que era vendido pelo trabalhador e comprado pelo patrão, com a troca sendo realizada por meio do dinheiro. É assim até hoje. Se você trabalha em uma empresa em troca de um salário, isso significa que está vendendo para o patrão sua força de trabalho, seu talento e seu tempo por um tanto de dinheiro.

Atualmente, temos leis que regulamentam o trabalho. Algumas delas estabelecem um salário mínimo, por exemplo, como o que temos no Brasil e em vários outros países. Além disso, o dinheiro hoje é fabricado em quantidade muito maior do que antigamente. Os Estados têm suas Ca-

sas da Moeda e não usam mais apenas o metal, como também o papel. Na verdade, saldo de contas bancárias, cartões de débito e de crédito, investimentos, empréstimos, financiamentos, tudo isso é dinheiro em diversas formas. Ele não precisa mais ser físico e palpável para sabermos que está entre nós. Os avanços tecnológicos dos últimos anos possibilitaram a existência do dinheiro na forma de quadradinhos de plástico e até como pixels numa tela de celular.

O dinheiro hoje é tão presente em nosso cotidiano que, às vezes, parece que existimos só por ele e para ele. Só que muitas vezes nos deparamos com a grande contradição de não saber lidar com ele, apesar de ser algo tão recorrente na nossa vida. Mas não é nossa culpa. E é sobre isso que vou falar no próximo capítulo.

2. NOSSA RELAÇÃO COM O DINHEIRO

OS PRIMEIROS APRENDIZADOS

Você conversa com frequência sobre dinheiro com sua família? Quando você era criança, alguém falou com você sobre as despesas da casa, quanto custavam as compras do mês, a conta de energia elétrica...?

Provavelmente, sua resposta foi “não”. Assim como você, eu não conversava sobre os boletos da casa. Às vezes, nossos pais não querem compartilhar com a gente a dor de cabeça que é a dificuldade para fechar as contas. Mesmo assim, as crianças sentem o climão no final do mês. Você já viu seus pais ou as pessoas mais velhas da sua família discutindo sobre dinheiro e se perguntando o que cada um comprou aqui e ali durante o mês? Como é que vão fazer para pagar tudo? Provavelmente, sua resposta foi “sim”.

E se foi “não”, saiba: aperto no final do mês para pagar as contas é a realidade de milhões de brasileiros.

Então, depois de passar a infância sem nem saber o que significa uma conta bancária, qual é a real diferença entre conta-corrente e poupança, chega nossa vez de abrir

25º SORTEIO DO BOLETO PREMIADO

A regra é clara:
somente um
boleto poderá ser
pago este mês!



uma conta no banco e ganhar dinheiro. E nos deparamos com a dificuldade até mesmo de entender certos termos financeiros para usar essa conta, e com isso fica difícil fugir de complicações.

Comigo foi assim. Não consigo deixar de pensar que, se eu tivesse aprendido sobre finanças antes, não teria me enrolado com meus primeiros salários e talvez tivesse me organizado para que eles fossem direto para os boletos. Além disso, teria economizado dinheiro em tarifas desnecessárias e economizado também muito tempo em algumas situações.

No meu primeiro emprego (em que eu ganhava R\$ 500,00, trabalhava sábado e domingo e ainda chegava em casa às dez da noite), fui “obrigada” a abrir uma conta-corrente em um banco que a empresa escolheu para mim (se identificou?). Demorei duas horas para abrir a conta, cara... Fiquei com tanta raiva! Como eu ainda era menor de idade, minha mãe foi comigo e ficamos tanto tempo lá que deu a hora do almoço e tivemos que esperar os funcionários do banco voltarem.

Isso foi em 2015. Eu ainda não sabia da existência dos bancos digitais, que não têm filas e outros problemas de agências físicas. Para piorar, abri uma conta com tarifas, e pagava para o banco R\$ 40,00 por mês dos R\$ 500,00 que eu recebia! E só não me deram um cartão de crédito porque eu era menor de idade.

Saí de lá com fome e estressada, mas ao mesmo tempo feliz, afinal eu tinha um emprego, né? Um salário de R\$ 500,00 para quem estava revendendo revista e ganhava menos que isso estava excelente!

Por essa história, dá para perceber como nossa relação com o dinheiro durante nosso crescimento afeta nossa vida quando ficamos mais velhos. Se eu tivesse tido acesso à informação e educação financeira desde cedo, não aceitaria abrir conta em um banco que não tinha efi-

ciência para realizar procedimentos simples, como abrir uma conta. Eu saberia o que significava cheque especial, cartão de crédito, e com certeza não pagaria tarifas bancárias. (Se você está tão confuso quanto eu estava naquele dia em 2015, não se preocupe. Vou falar sobre tudo isso ao longo do livro.)

Enfim, o modo como a família trata o dinheiro influencia a vida financeira das crianças, porque é dos nossos pais, avós, tios, irmãos mais velhos, primos, ou seja, das pessoas com quem a gente convive, que tiramos os aprendizados primários. Só que a educação financeira é uma realidade distante da maioria das pessoas. Quer dizer, muito provavelmente seus pais, avós, assim como os meus, não tiveram acesso a essas valiosas informações.

No fim das contas, o que assimilamos em casa é a relação conturbada que nossos familiares geralmente têm com dinheiro: dificuldades de organização, dívidas, estresse com bancos, brigas... É tanto climão em volta do assunto “dinheiro” que ele acaba se tornando um verdadeiro tabu.

Mas isso não significa que a geração que nos criou é culpada pelos nossos problemas financeiros. Não dá para pensar de modo individualista sobre isso, sem considerar os contextos. Por exemplo, poucos anos atrás, um pouco antes de eu nascer, na década de 1980, o Brasil viveu um período de hiperinflação. As pessoas compravam produtos com um senso de urgência, porque no dia seguinte os preços já podiam aumentar. Na verdade, às vezes corriam para comprar de manhã, porque de tarde o produto poderia estar mais caro. Então a consciência de guardar dinheiro é muito recente, principalmente para pessoas pobres. Portanto, uma série de fatores é responsável pela relação ruim com o dinheiro que muitas famílias passam adiante para as crianças. O que gera uma porção de consequências, é claro.

O PODER DO NÃO

Essas experiências negativas estão por trás, por exemplo, da nossa vergonha em dizer “não” quando aquele amigo nos chama para sair, mas não temos dinheiro.

Sabe aquele amigo que sempre tem uma grana e que quando você fala "tô sem dinheiro" ele responde "eu também, tenho só R\$ 30,00"? AMADO? Eu não tenho DINHEIRO NENHUM.

Um dos maiores erros que cometemos é ficarmos desconfortáveis de dizer “não”. Para seguir em frente depois de ter dito “sim”, acabamos usando coisas como cartão de crédito e cheque especial, que na verdade representam um dinheiro que não é nosso. Cartão de crédito e cheque especial são um dinheiro que pagamos emprestado do banco. Fazer uso disso acaba prejudicando nossa vida financeira aos poucos. Às vezes, chegamos ao ponto de ter medo de abrir o extrato da conta bancária e a fatura do cartão de crédito, para não ver esses gastos. Evitamos a todo custo encarar a realidade. (Esse é um grande erro. Vamos conversar sobre isso.)

Uma situação em que é muito comum as pessoas dizerem “sim” só para evitar um desconforto imediato é quando aquele atendente supereducado oferece um cartão da loja. Muitas vezes, você nem precisa do cartão, que na ver-

dade vai acabar sendo um inconveniente para suas economias, mas mesmo assim sente obrigação de aceitar. Parece que você não tem saída. Mas você tem. É preciso aprender a dizer “Não, obrigada”, com um belo sorriso.

CUIDADO COM AS ARMADILHAS!

No nosso dia a dia existem muitas dessas armadilhas que nos deixam às vezes com vergonha, desconfortáveis, e nos obrigam a consumir. Além dessas situações de funcionários de lojas oferecendo cartões, podemos ver outras, como nos supermercados, quando embalam junto com o produto que precisamos comprar outro que não queremos, aumentando o valor final.

Às vezes ficamos constrangidos porque não estamos na moda. As lojas já lançam diversas coleções de roupas pensando nisso. Tem loja que troca de vitrine toda semana. Querem convencer os clientes de que eles precisam ter a roupa do momento, mesmo que uma blusa ou uma calça quase sempre durem mais de um ano.

A pressão social para o consumo pode ter efeitos graves, como:

- prejudicar a autoestima de quem ganha pouco;
- estimular comportamentos compulsivos em relação a compras;
- levar pessoas a se endividarem para manter um estilo de vida que não cabe no bolso.

Existe uma ideia difusa de que o sucesso significa poder de consumo, e essa lógica faz a gente acreditar que, se não tivermos determinados produtos ou não usarmos certos serviços, somos fracassados. De certa forma, o consumo é um meio de nos relacionarmos socialmente, e são muitas as pessoas que cedem a essa pressão. Logo, pode-

mos perceber que a educação financeira surge para muita gente como um meio de libertação.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO NOSSO DIA A DIA

Ter educação financeira desde cedo pode mudar nossa vida para melhor. O conhecimento nos ajuda a desenvolver o hábito de anotar os gastos e a entender sobre juros, tarifas, taxas, investimentos e sobre o mercado financeiro em geral. Evita a sensação incômoda de não entender nada quando falam no *Jornal Nacional* sobre taxa Selic, IPCA e bolsa de valores. (E pode deixar que vou esclarecer esses conceitos no final do livro!)

Além disso, entender como funciona a lógica do dinheiro evita outra consequência, que afeta sobretudo os trabalhadores autônomos: não saber dar um preço justo para o próprio trabalho. Se você é autônomo, já deve ter sentido aquele medo de cobrar um valor alto demais e acabar perdendo o cliente, ou a dúvida de quanto realmente vale sua hora de trabalho, seu esforço, seu talento.

Conversar sobre dinheiro sem climão é fundamental, já que a educação financeira pode transformar nossa vida. Transformou a minha.

Minha forma de consumir e de pensar mudou desde que tive contato com a educação financeira. Eu era uma pessoa que, mesmo tendo boletos para pagar, comprava blusinhas e sapatos sem necessidade. Às vezes comprava uma roupa para usar em algum evento específico, e, depois dessa única vez, ela ficava parada no armário. Quando mudei minha forma de me relacionar com os produtos, parei de gastar dinheiro à toa. Agora, sempre que penso em comprar uma blusinha, faço alguns ques-

tionamentos: 1) Onde vou usar? 2) Posso encontrar por um preço menor?

Hoje em dia, quase sempre compro roupas que eu possa usar em diversas ocasiões, não apenas em um evento específico. Então, busco peças que, ao mesmo tempo, fiquem bem para uma festa, um encontro, uma reunião, ao serem combinadas com outras, com um acessório... Ao comprar, penso até como vou poder usar a roupa quando ela estiver velhinha.

Como falei, as lojas de roupas trabalham com coleções. Peças de coleções antigas costumam ser mais baratas do que as recém-lançadas. Ficar de olho nisso é um exemplo de como gastar menos.

Essas perguntas servem tanto para roupas como para outros produtos. Comprar objetos mais fáceis de reutilizar e prestar atenção em como funcionam as variações de preço para a mercadoria que você deseja são dicas que eu gostaria de dar para a Nath do passado.

Se soubesse tudo que sei hoje em dia, a Nath de anos atrás saberia que não precisava de determinados itens, que ela poderia guardar o dinheiro em vez de gastar desnecessariamente, e hoje eu teria uma situação financeira mais confortável. Então, se você quer que seu “eu” do futuro tenha uma relação melhor com o dinheiro, comece a mudar hoje. Agora mesmo, no momento em que está lendo este livro. Uma pergunta fundamental para começar é:

O que você quer fazer com seu dinheiro daqui a dois, cinco, dez anos?

Por exemplo, pode ser que daqui a dois anos você queira quitar uma dívida, ou que planeje terminar de pagar o carro daqui a cinco anos, ou pode ter em mente comprar uma casa daqui a dez anos. O que você quer?

Não é só para pensar sobre isso, é para responder. Para ter uma ideia concreta.



O que eu quero fazer com meu dinheiro daqui a dois anos?

O que eu quero fazer com meu dinheiro daqui a cinco anos?

O que eu quero fazer com meu dinheiro daqui a dez anos?

Ter isso em mente é um passo importante para você começar a cuidar do seu “eu” do futuro e evoluir sua relação com o dinheiro.



Ok! Eu acho
que exagerei
esse mês.

**UMA DAS MAIORES VOZES DA ATUALIDADE NA INTERNET,
NATH FINANÇAS LANÇA PELA PRIMEIRA VEZ EM LIVRO SUAS
ORIENTAÇÕES PARA QUEM PRECISA ALCANÇAR UMA RELAÇÃO
SAUDÁVEL COM O DINHEIRO MESMO GANHANDO POUCO**

Quando o assunto é dinheiro, não dá para achar que um só discurso vai funcionar para todas as pessoas. Afinal, o ponto de partida de cada uma não é o mesmo: o caminho de quem já nasce em uma família com boa situação financeira é muito diferente do de quem trabalha desde adolescente para ajudar em casa.

Mas isso não quer dizer que quem passa apertado todo mês para pagar as contas não pode se organizar, aprender a poupar, investir e ter uma vida financeira saudável. Muito pelo contrário. Na verdade, bastam educação financeira e orientações para que o sonho — seja ele a casa própria, o carro, o intercâmbio, ou mesmo quitar uma dívida — esteja a um passo de virar realidade.

Foi pensando nisso que Nathália Rodrigues, que ficou conhecida no Brasil inteiro como Nath Finanças, se tornou uma voz de destaque sobre a forma como usamos o dinheiro. Com humor e um conteúdo acessível, a administradora e orientadora financeira virou um fenômeno na internet ao trazer dicas simples e valiosas que ajudam milhares de pessoas a saírem do vermelho e se organizarem financeiramente.

Em *Orçamento sem falhas*, Nath aborda as principais questões que assolam o nosso bolso — nossa relação com cartão de crédito, taxa de juros, lista de compras, planejamento, metas, a diferença entre desejo e necessidade, entre outras —, para ajudar de uma vez por todas quem se enrolou nas dívidas ou só vive para pagar boleto.

O livro ainda conta com um projeto gráfico moderno e colorido, repleto de ferramentas práticas para ajudar o leitor, como tabelas, listas e glossário. Para completar, a autora ganha o reforço do ilustrador Ric Sales, que traz para as páginas do livro charges divertidas sobre nossa relação com o dinheiro no dia a dia.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/1015